

Lúgubre, acaçapada, espiando no ermo, à beira do açude da fazenda, a lua de opala, com sussurros de reza ou rumores de feira, via-se, num quadrado, a sordida senzala...

Sobre um velho jirau forrado de uma esteira, ei-la, embalando ao colo – e com que amor na fala! – o *sinhozinho branco*, a quem se dava, inteira, até que, adulto, fosse, um dia, vergastá-la!

Sofre como ninguém! Com fervor nunca visto, persignava-se ao ver céus azuis e montanhas: *Louvado seja Deus Nosso Sinhô – Suns Christo!*

Na escravidão do amor, a criar filhos alheios, rasgou, qual pelicano, as maternais entranhas, e deu, à Pátria Livre, em holocausto, os seios!

Ciro Costa (1879-1937), Mãe Preta; de Terra Prometida, 1938

De político enrolão nosso país vive cheio cada um procura meio de aumentar o seu quinhão

o futuro da nação está cada vez mais feio aumentando o apereiro de nossa população

enquanto governador deputado, senador da mãe pátria amada herda

nosso pobre aposentado cada vez mais apertado termina sempre na merda.

Timon-Ma/Barripi, em Francisletas 0104

Do taquaral à sombra, em solitária furna, para onde, com tristeza, o olhar, curioso, alongo, sonha o negro, talvez, na solidão noturna, com os límpidos areais das solidões do Congo...

Ouve-lhe a noite a voz nostálgica e soturna, num suspiro de amor, num murmurejo longo... e o rouco, surdo som, zumbindo na cafunra, é o urucungo a gemer na cadência do jongo...

Bendito sejas tu, a quem, certo, devemos a grandeza real de tudo quanto temos! Sonha em paz! Sê feliz! E que eu fique de joelhos,

sob o fulgido céu, a relembrar, magoado, que os frutos do café são glóbulos vermelhos do sangue que correu do negro escravizado!

Ciro Costa (1879-1937), Pai João; de Terra Prometida, 1938

Serás rico entre teus pares se da terra onde garimpas um dia à casa voltares, de mãos vazias, mas limpas!

Orlando Brito, em BI UBT Magé, 0101

Negro de punho cerrado é tempo de escravidão. Das amarras do passado, oh, negro, dai-me o perdão!

Adriana da Conceição Jorge, em 8º CNT Barra do Pirai 1997

Quem domina seus defeitos, procurando a perfeição, quanto mais fica perfeito menos exige do irmão!

Aristóteles Lacerda Júnior, em Fanal 0102

A saudade viverá na longa estrada do idoso. Quem não morreu... chega lá: o fiel, o ingrato, o vaidoso...

Dina Marchetti Abad, em Fanal 0012

Minhas mágoas mando embora, bem antes que a dor se agrave... Jogo a tristeza lá fora, tranco a porta... e escondo a chave!

Marilúcia Rezende, em XXXVII JF de Nova Friburgo, 1997

O aplauso é luz de dois gumes... Cuidado... Avisa o teu ego... O excesso, às vezes, de lumes transforma o sábio num cego... Eliana Dagmar, em Conc. Nac. e Intern.

U M T R O V A D O R E M F O C O – L A V Í N I O G O M E S D E A L M E I D A

Da ternura, faço o tema; das desditas, minha prosa... De cada dor, um poema, de cada espinho, uma rosa!

Ao nosso Trovador em Foco de hoje bastaria ter feito uma só trova, qualquer que fosse, para que ele recebesse a luz dos holofotes da admiração de todos os que amam a poesia dos quatro versos setessilábicos. Bem poucos, no Brasil, trabalharam – e trabalham! – tanto pela trova quanto o nosso focalizado de hoje, o excelente trovador, poeta e contista Lavinio Gomes de Almeida.

Sintam o lirismo que brota suavemente de sua privilegiada inspiração:

Faz tanto frio lá fora... Não te vás, detém teus passos! Eu quero despir-te, agora, para vestir-te de abraços...

Neste silêncio, a desoras, em noite escura, sem fim, eu sinto acenos de auroras se acaso estás junto a mim.

Lavinio Gomes de Almeida é presidente da Seção da UBT de Barra do Pirai, RJ, e o grande lutador para que, neste ano 2.000, festejemos 11 Concursos Nacionais de Trovas, realizados anualmente, sem nenhuma falha cronológica... E todos sabemos da perfeição desses concursos, quer na organização, quer na fineza de trato com que os trovadores são recebidos, quer na confecção e na entrega dos troféus e diplomas. Lavinio é um *gentleman* e um Mecenaz da trova. *Gentleman* todos sabem que ele é... E, Mecenaz... dizem que ele já dispôs de propriedades para bancar as despesas com concursos da UBT de Barra do Pirai.

Bem, falemos das trovas de Lavinio... A trova, quando é boa,

Peixes doentes respiram fundo e morrem como indigentes. Antes, molham os olhos com óleos portuários; depois, seus corpos vêm à tona desmanchados de lume. E a pele-prata viram cardume de feixes.

Patricia Claudine Hoffmann, Dos Filhos D'Água; em VI Prêmio Escrita de Poesias 2000: Secretaria Municipal de Ação Cultural Av. Maurice Allain 454, Engenho Central Caixa Postal 12 13405-123 – Piracicaba, SP

> III Prêmio Escrita de Contos 2001 > Inscrições de 3 contos até 31.05.01 > 0.19.421-2535; fax 0. 421-2346 e -0334

Y se está *flotando* el mar cuándo se sale de España

y se está *flotando* el mar el barco *di la volante!*

Y el alma se queda atrás... y el alma se queda atrás

cuándo se sale de España!... Popular, de Jotas de Aragon, Volume 3

Por ser um pastor bisonho que no sonho se afugenta, não sei se apascento o sonho ou se o sonho me apascenta.

Thalma Tavares

Meu amor mora aqui onde seu amor mora ora para algum deus pela graça do agora.

Celso Cruz

Não me importa ser confuso: sou roca e fuso. E do que teço só conheço o fio do palmo que uso.

Augusto Bicalho, Profissão

O azul mais azul além do cetim da safira e do lápis-lazúli.

Cláudio Daniel, Paisagem Marinha

Na parede um objeto de arte fixa um segredo e uma incerteza. O observador para escapar do medo se lança no riso.

Almandrade

Relerever Revereler da Exposição 2000

Atélie Ana Cordeiro Rua dos Pinheiros 382 05422-010 – São Paulo, SP; e-mail: anacordeiro@mandic.com.br

Terra em mutação natureza em agonia grito ambiental.

Ronaldo Cagiano

A alegria, ave passageira, pousou por um breve instante nas mãos do menino.

Agora, ele está de mãos vazias estrangeiro de sentimentos diante da felicidade dos homens.

Donizete Galvão, Estrangeiro

PenSo, logo

EXistO.

Marcelino Freire

Vertigem da escada: o passo no espaço.

Roberto Keppler

Na parede lá de casa pré-história tenho visto lagartixa manda brasa dinosaura de mosquito.

José Walter da Fonseca

O dia amanhece. Eu e meu marido deitados, lado a lado, ficamos na cama, pondo nossa conversa em dia, antes que o mau humor do mundo acorde, chegue até nós e... estrague este pequeno prazer.

Angela Togeiro Ferreira, Cumplicidade; de Contato Urbano, 2ª Edição, 2001

Bom é ser árvore, vento, sua grandeza inconsciente; e não pensar, não temer, ser, apenas: altamente.

Permanecer uno e sempre só e alheio à própria sorte, com o mesmo rosto tranqüilo diante da vida ou da morte.

Marly de Oliveira, Epigrama; em Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século (José Nêumanne Pinto), 2001

O instinto do animal não sai disso. O raciocínio do homem mal está saindo disso. MFM, Passadiço

E estando me faltas.

Neide Archanjo, Ilhas Idílicas (fragmento); em Os Cem Melhores Poetas Brasileiros do Século (José Nêumanne Pinto), 2001

Lorde George Gordon Byron escreveu Don Juan entre 1819 e 1824.

Wolfgang Amadeus Mozart musicou o livro de da Ponte em 1787.

O caráter de Dom João variou em inúmeras versões. A de Lorenzo da Ponte, segue mais as linhas de O Convidado de Pedra, de Giovanni Bertati, do que El Burlador de Sevilla do dramaturgo espanhol frei Gabriel Téllez (Tirso de Molina).

>> Kurt Pahlen; de A Ópera

De repente desperta na solidão do quintal... Uma nova orquídea. Levantam-se tarde, tímidos raios de sol. Cobertor de neblina.

Maria Regina e Dulce Reis, em Caminho das Águas 0102



GÊMEOS: SIGNO DO AR

Gêmeos é o terceiro signo do zodíaco (21 de maio a 20 de junho); é regido por Mercúrio e o seu elemento é o ar. O signo complementar de Gêmeos é Sagitário; seu oposto é Peixes. As principais características de Gêmeos são: extroversão, comunicabilidade e versatilidade.

Help! Multi Mídia Estadão HMI 018

Gêmeos 22.05 a 22.06

Personagem típico:

Don Juan, de Byron 1788-1824; Don Giovanni, de Mozart 1756-1791.

The Brazilian Living Webster Encyclopedic Dictionary of the English Language 1973

Você mulher
retirada da costela do homem
dita sexo frágil
só a ti foi dada a beleza delicada
o corpo escultural
a meiguice
a maternidade
só você tem o prazer de ver, e
a alegria de sentir
alguém gerado em suas entranhas

um ser dentro de outro ser
ossos nascendo em água
alma vivente, ser dependente
cérebro consciente
só você sente a dor do nascer
só você se transforma
de corpo de prazer
em ama de outro ser
a você mãe, nossa admiração.

Reinaldo Torres Nunes

Finda a página e o sonho,
acordei acometida da sensação
por demais insustentável
de que aquele a quem mais
amo estaria por chegar-me
e era-me grande o alvoroço
em precipitá-lo com o respirar
dos rios de seu corpo rente
à porta, as chácaras olorosas
de seu corpo rente à porta,

Maria Carpi. Trecho (Poema 35 da 4ª parte, Ode de Amor e Fome – Sonata para Piano em Dó Menor, do livro A Migalha e a Fome), em Caderno Cultura OESP 010318

a resina impune de seu corpo
rente à porta, uma macieira
frutificando rente à porta,
forçando-a com famintas raízes
de seu tronco rente à porta.
Abrindo-a, deparei-me
atônita com um mendigo.
Por que, amante, me vens
disfarçado nesses trapos?
Porque, amada, tenho-te fome.

Eu queria tudo
sem saber
que tudo
seria nada
pois nada
faria sentido
se tudo
estivesse
presente.

Um lugar no canto
singulares todos vagam
em todos os lugares
temos uma vaga
em todos os cantos.

Postal Mambembe

Ricardo Carliacci; de Postal Mambembe carliacci@bol.com.br

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S OUTONO		
Os pássaros fazem festas, banquete florido... Caqui delicioso. Ailson Cardoso de Oliveira	Crisântemo belo. Bela flor em meu jardim. Meus olhos versajam... Haroldo R. Castro	Mesmo eu de folga... – Coração interrompido – ...no Dia do Trabalho. Luis Koshitiro Tokutake
Roupa branca na cadeira. Dia da Enfermeira. Analice Feitosa de Lima	Rede em posição nas águas do verde mar. A sardinha foge... Helôisa S. Brandão	Maduros, porém os muros... Pegar não consigo... M. U. Moncam
Pessoas com frio. Algodão por entre espinhos, paineira florida. Carlos Roque B. de Jesus	Jardim apinhado. Imprevisto gafanhoto... – Louca maratona! Humberto Del Maestro	As sombras me intrigam. Vou ver se hoje vai chover: gafanhotos migram! Maurício F. Leonardo
A rede pesada. Pescador puxa a barca. Sardinha pra todos. Cecy Tupinambá Ulhôa	Videira airosa carregadilha de frutas, linda paisagem! João Batista Serra	Tem festa no clube. Hoje é Dia da Enfermeira. Choram as plantonistas. Nadyr Leme Ganzert
reflorindo o amor da neta em lindos crisântemos... Cicero Campos	para trás e para frente... O gato espia! João Elias dos Santos	há bandeiras desfaldadas. Dia do Trabalho. Olga Amorim
Crisântemo branco num vaso azul de latão florindo uma sala. Dercy de Freitas † 001021	Estrela cadente. Refletida na lagoa imagem fugaz. José N. Reis	E manhã de maio! Crisântemo enfeitada igreja. Novos se ajoelham. Olga dos Santos Bussade
Sorriso nos lábios, flores... presentes... carinho... É Dia das Mães. Djalda Winter Santos	Almoço em família com carinho especial do Dia das Mães. José Roberto de Oliveira	Ao longe, se vêem vários pontos amarelos: laranjas-de-umbigo. Renata Paccola
mostra suas belas cores – preso no poleiro!... Edel Costa	a romã pendendo do galho numa reverência. José Walter da Fonseca	agita o pé de araçá... Gangorra o tucano. Roberto Resende Vilela
A fada ligeira, sorrindo, aplaudem velhinhos... – Dia da Enfermeira. Fernando L. A. Soares	Mirando entre as folhas a baladeira dispara. Um tucano à vista. Larissa Lacerda Menendez	Na alta latada cachos de uvas bem maduras... e a raposa passa! Santos Teodósio
Clarões e relâmpagos! Serri-lham as bordas das nuvens no céu negro da noite... Guim Ga	Abacate em penca! Num placit! cai um, e outro e outro e outro... Guiri com bodequê. Leonilda H. Justus	As flores lavadas secam ao sol da manhã. Resquícios de orvalho. Sérgio Serra



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.05.01, quigos à escolha:
Dia do Café, Pica-pau, Pinhão.

Remeter até 30.06.01, quigos à escolha:
Claroão da lua, Dia da Aeromoça, Manacá.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sação – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidoi, ou seja, um tema da estação, por ser *seu assunto principal* o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor. Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afirm de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicu de própria lavra, pois tais votos serão anulados bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAICUS EM FOLHA		
Na casa em ruínas buquê azul e rosado. A hortênsia resiste. Héron Patricio	Telhado de zinco... Barulho ensurdecedor... – Chuva de grânizo! Maria Madalena Ferreira	Na parede branca um enfeite inusitado: – lagartixa verde! Anita Thomaz Folmann
Nas folhas verdes o grânizo borda rendas... Pingos de cristal! Denise Cataldi	Canteiro de hortênsias... – Um pedacinho do céu plantado na terra! Maria Madalena Ferreira	Por entre as garrafas um par de olhos assustados. Uma lagartixa. Antônio Seixas
do meio dos livros velhos: a surpresa e o susto. Héron Patricio	O grânizo cai espalhando pelo chão, sonhos da roseira. Regina Célia de Andrade	De cima do muro uma lagartixa espia... a próxima vítima... Maria Madalena Ferreira
Corre em ziguezague a lagartixa assustada. Repentina luz. Maria Regimato Labruciano	Estranho presente: o céu despeja brilhantes. Milhões de grânizos. Héron Patricio	Gelados... gelados... na panela dos espaços pipocam grânizos. Anita Thomaz Folmann
Parece infinito o tapete das hortênsias enfeitando estradas. Regina Célia de Andrade	Lenta, a lagartixa, com seu sinuoso gingado, se apossa da mosca... Amália Marie G. Bornheim	Naavença viçosa cai o grânizo inclemente. No chão, verdes lágrimas. Maria Regimato Labruciano
Um lapso de tempo e o inseto desaparece... Lagartixa farta. Alba Christina	Chuva de grânizo tilintando na janela. Gélida sonata. Lávia Lacerda Menendez	Cai forte grânizo No chão, Arte Bizantina refletindo cores... Amália Marie G. Bornheim
Bote certeiro. Lagartixa na parede faz sua releição. Hélcio Durso	Contornando a casa uma gurlandade de hortênsias diz que é primavera. Alba Christina	Dentro do canteiro pedaços azuis da lua: – hortênsias em flor. Anita Thomaz Folmann
Penumbra no quarto. Na espreita, uma lagartixa caça pernilongos. Antônio Seixas	Caçada noturna. Lagartixas acrobáticas saciam a fome... Darly O. Barros	Calor escaldante... O grânizo na janela traz sabor de infância. Ercy M. M. de Faria
Num tapete azul passeiam mãos calejadas... Canteiro de hortênsias. Ercy M. M. de Faria	No grânizo triste restos de folhas e flores ao fim do grânizo. Alba Christina	Atrás da janela lagartixa transparente escapa do sol... Yedda Ramos Maia Patricio
Termina a intemperie. Chora o caboclo a tragédia. Grânizo na horta. Hermoolvedes S. Franco	Gelo estilhaçado no temporal em pedaços. Grânizo caindo. Thalma Favares	Tingindo de azul, a bela estrada serrana, quantas hortênsias! Elen de Novais Felix

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES
Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: → → → → → →
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriú à ocidental é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

Os trevos *senriú*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre “**aquí e agora**” – **não conceituais, sendo:**

trevo senriú ou personagem (*não filosófico*),
trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*);
trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

Trevo senriú à ocidental ou trevo ocidental:

Ação de esperança apascentando gemidos... Dia da Enfermeira!
Fernando Vasconcelos

Sapatinho-de-venus... Só ao descalçar-se do pé está pronto pro uso!
Guim Ga

Trevo senriú ou trevo personagem:

Adeus, roupa branca! A enfermeira, no seu dia, veste colorido.
Arlindo Tadeu Hagen

Pão de Açúcar! Suspenso por cordas e cabos um louco pinta orquídeas!
Guim Ga

Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu subentendido:

Feriado sem graça... A namorada enfermeira: plantão no hospital.
Arlindo Tadeu Hagen

No verde da mata, pedaço de primavera num galho de orquídea.
Cecy Tupinambá Ulhôa SF 9707 9708

Trevo haicu:

Quigos – *Vivencial e flora da sação outono*:

Num copo, uma flor! É Dia da Enfermeira... Espera ansiosa...
Otilia Alvarenga

Orquídea brotando. Volta a sorrir na floresta o tronco sem vida.
Sérgio Bernardo 9707

Trabalhar para Stromberg era como estar trancado numa caixa. Não era possível sair, por mais que se tentasse. Era assim que eu me sentia – como se estivesse numa caixa cuja única chave ficasse com Stromberg.

Mas um dia eu encontrei outra chave, uma que abriria a tampa da caixa com a mesma eficiência que a de Stromberg. Uma chave que ele jamais usaria. Isso: eu usaria minha própria chave.

Minha chave era a morte.

Uma vez tomada a decisão, achei até bem fácil viver com essa idéia, e foi com prazer que comecei a pensar num plano para matar Stromberg. Não seria nada complexo ou difícil. Os planos mais simples geralmente são os mais seguros. Mas eu não tinha nenhuma experiência.

Sim, é claro que eu já lera contos policiais, até mesmo descobria meios de eliminar as vítimas fictícias logo nas primeiras páginas. E com mais engenhosidade que muitos de seus criadores. Mas existe uma diferença entre uma coisa fria, no papel, e um organismo humano, quente, palpitante. Para mim Stromberg era um peixe, e eu tinha a intenção de pescar esse peixe.

Mas como pescá-lo? Pensei em veneno. Muito fácil de descobrir. Um atropelamento acidental? Imprevisível: Stromberg poderia não morrer. Um revólver? Barulhento e complicado. Além do mais, nenhum destes métodos passava pelo teste da simplicidade. Acabei resolvendo usar o que as circunstâncias determinassem.

Estava considerando as vantagens de um empurrão pela escada, quando Hopkinson chegou até mim e disse:

– Você precisa me dar dois dólares.

Perguntei por quê.

– Para comprar um presente de despedida para Stromberg. Ele vai-se aposentar. Sorte sua. Ele disse que você era o único homem capaz de substituí-lo.

Eu ouvira direito? Seria verdade?

Era verdade! De repente eu estava fora da caixa. Eu não ia precisar matar Stromberg. Aliás, ele começava a parecer muito humano para mim. Percebi, com remorso, que o que eu interpretava como pressões contra mim, era na realidade a sua maneira de me testar, de me treinar. Aquele bom amigo considerava realmente os meus interesses. Na sua festa de despedida, posa-

mos para uma foto coletiva, sorridentes e abraçados pelos ombros.

Agora eu já sou o chefe há quase cinco anos. Mas não pensem que tudo tem sido agradável. De modo algum. Quando você se torna supervisor, é preciso assumir uma coisa chamada responsabilidade. Uma coisa que só você tem. É você quem tem de verificar se o trabalho fica pronto e se a sua seção funciona bem.

Mas eu juro que às vezes fico desesperado. Sou pressionado a produzir; mas produzir como? Com um bando de incompetentes que preferem bater papo em volta do filtro de água a trabalhar honestamente durante um dia?

O pior deles é Hopkinson, que certa vez me disse uma coisa estranhamente inquietante. Ele disse que trabalhar para mim é como estar trancado numa caixa.

Talvez eu deva providenciar, junto ao departamento pessoal, a minha aposentadoria.